

Quo Vadis Paedagogia Medica?

Jorge Michalany¹

Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina

Desde muito jovem eu gostava de ensinar e essa vocação foi incrementada quando ingressei na Escola Paulista de Medicina (EPM). Já na terceira série eu, na qualidade de monitor de anatomia, ensinava os calouros e, na quinta, também como monitor de anatomia patológica, dava aulas práticas. Graduado em 1942, continuei com a mesma vocação na EPM e na Santa Casa de Santos, Faculdade de Ciências Médicas de Santos, culminando minha atividade no Departamento de Anatomia Patológica da EPM desde 1970 até minha aposentadoria compulsória em 1986.

Fiquei sem ensinar durante três anos, mas, felizmente, fui contratado para a Faculdade de Medicina da Unoeste em Presidente Prudente, São Paulo, onde permaneci 13 anos até julho de 2003, quando então fui demitido. A causa dessa demissão foi, sem dúvida, a fobia cultural da direção porque, para a Unoeste, basta o professor “informar” a matéria, sem se preocupar com o aprendizado do aluno, para ser um médico qualificado. Aliás, apenas 20% dos alunos querem aprender, pois a maioria só deseja o diploma.

Até meados do século passado, o ensino da medicina profissional em São Paulo era bem razoável. Mas, daí, ao se descobrir que a pesquisa, mesmo de má qualidade, poderia favorecer muito a promoção de departamentos, disciplinas e docentes de laboratório ou de clínica, piorou o aprendizado. Na realidade, o ensino tornou-se empecilho e prejuízo para viagens ao exterior, estágios, congressos e “meetings”, enfim, para todas as vantagens oferecidas aos pesquisadores.

Disso está resultando a transformação de alguns departamentos em institutos exclusivamente de investigação, o que contraria a finalidade principal de uma escola, que é a de formar o médico profissional. E o pior, os poucos professores ainda interessados e dedicados ao ensino passaram a ser considerados elementos de categoria inferior, uns verdadeiros párias, pela elite pesquisadora de uma escola médica.

Daí a substituição de categorizados instrutores de clínica por residentes e de médicos por biomédicos nas disciplinas básicas como, por exemplo, a anatomia, que é *sine qua non*

para a formação do médico profissional. O resultado dessa mudança está na declaração do professor Skandalakis de que o efeito para a anatomia foi catastrófico nos Estados Unidos. E quem sofre mais com essa fúria investigadora é o futuro médico profissional que passa a ser ensinado por residentes, os quais, além da falta de experiência na matéria, nem sempre possuem uma razoável didática.

Para agravar a situação do ensino, resolveu-se criar na EPM, em 1966, o Curso de Biomedicina, destinado a formar pesquisadores nas disciplinas básicas, isto é, as que estudam o homem normal (anatomia, histologia, fisiologia, bioquímica, biofísica), mas erroneamente estendidas para algumas do homem enfermo (parasitologia, microbiologia, farmacologia) às quais foi acrescentada a patologia em 1977. Essa inovação incrementou o interesse pela investigação, sobretudo experimental, a tal ponto de considerar-se a pesquisa e a pós-graduação como finalidade primordial da EPM. Em suma, trocou-se o doente pelo ratinho e o hospital pelo biotério.

Sucedem que os criadores do curso de Biomedicina e seus sucessores não sabem que se pode formar um bom profissional, mas o pesquisador categorizado já nasce feito, porque pesquisa é capacidade de imaginação, e esta depende da inteligência, que é inata. Em caso contrário, o resultado é uma massa enorme de trabalhos, em sua maioria absolutamente estéreis: “*La quantité remplaçant la qualité*” (A quantidade no lugar da qualidade), no dizer do maior patologista francês do século XX e meu mestre, Pierre Masson. Aliás, referindo-se a um endocrinologista do Canadá que produzia, durante a era do tratamento da hipertensão pelo arroz, uma quantidade surpreendente de trabalhos, Masson, com seu arguto e jocoso espírito crítico dizia: “*Il done du riz aux rats, c’est un travail; il ne done pas du riz aux rats, c’est un autre travail*”. (Ele dá arroz aos ratos, é um trabalho. Ele não dá arroz aos ratos, é outro trabalho).

Do jeito que caminha o ensino, se um jovem quiser ser um verdadeiro médico hipocrático, deverá cursar primeiro enfermagem e depois medicina.

¹Curador do Museu de História da Medicina da Associação Paulista de Medicina e professor titular aposentado da Escola Paulista de Medicina.

EDITOR RESPONSÁVEL POR ESTA COLUNA

Olavo Pires de Camargo. Professor titular, Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Museu da Associação Paulista de Medicina (APM)

Av. Brigadeiro Luís Antônio, 278 – 5ª andar

Bela Vista – São Paulo (SP)

CEP 01318-901

Tel. (11) 3188-4303

E-mail: museu@apm.org.br

Fontes de fomento: nenhuma declarada

Conflito de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 15 de agosto de 2011

Data da última modificação: 15 de agosto de 2011

Data de aceitação: 29 de agosto de 2011